

Arqueologia e salvaguarda do património cultural de Tomar: os casos de Roure Pietra (1815-1874) e de Vieira Guimarães (1864-1939)

João Amendoeira PEIXOTO¹⁸

Ana Cristina MARTINS¹⁹

Resumo

Pedro de Roure Pietra (1815-1874) e José Vieira da Silva Guimarães (1864-1939), dedicam-se ao estudo das origens de Tomar, tendo realizado escavações na região e contactado com estudiosos da sua época.

Apesar de se tratarem de dois arqueólogos pertencentes a dois períodos distintos dos primórdios da arqueologia em Portugal, consideramos de interesse estudar a interação entre ambos, possíveis influências e ações respetivas na salvaguarda do património cultural de Tomar.

Torna-se crucial estudar o contributo destes arqueólogos para a valorização do património cultural, conhecer as gentes que os acompanham nas suas intenções, assim como, entender a importância dos seus trabalhos para o desenrolar dos acontecimentos locais, achados arqueológicos e dinâmica do presente e futuro do território.

Palavras-Chave: Arqueologia, património cultural, Roure Pietra, Vieira Guimarães, Tomar.

Abstract

Pedro de Roure Pietra (1815-1874) and José Vieira da Silva Guimarães (1864-1939), dedicate themselves to the study of the origins of Tomar, having carried out excavations in the region and contacted scholars of his time.

Although they are two archaeologists from two distinct periods from the beginnings of archeology in Portugal, we consider it of interest to study the interaction between both, possible influences and respective actions in safeguarding Tomar's cultural heritage.

¹⁸ CEHFCI – Universidade de Évora. joaoalve1@gmail.com

¹⁹ Ph.D. IHC NOVA FCSH – Pólo Universidade de Évora. acmartins@uevora.pt

It is crucial to study the contribution of these archaeologists to the valorization of cultural heritage, to know the people who accompany them in their intentions, as well as to understand the importance of their work for the unfolding of local events, archaeological findings and dynamics of the present and future of the territory.

Key-words: Archaeology, cultural heritage, Roure Pietra, Vieira Guimarães, Tomar.

1. ENQUADRAMENTO INTRODUTÓRIO

A comunicação *Arqueologia e salvaguarda do património cultural de Tomar: os casos de Roure Pietra (1815-1874) e de Vieira Guimarães (1864-1939)* presente no *IV Congresso de Arqueologia do Alentejo Norte* que acontece em março de 2022, inclui conteúdo incorporado no trabalho de doutoramento em História e Filosofia da Ciência da Universidade de Évora, coordenação da Prof.^a Catedrática Maria de Fátima Nunes, intitulado: *Medicina e Património Cultural em Tomar – o caso de José Vieira da Silva Guimarães*, e orientação da Prof.^o Doutora Ana Cristina Martins.

2. OS PRIMÓRDIOS DA ARQUEOLOGIA EM TOMAR

Sobre este assunto fizemos aproximação no *III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, que decorreu em novembro de 2020, com o título *Vieira Guimarães (1864-1939) e a Arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes*²⁰. Para além de termos apresentado José Vieira da Silva Guimarães²¹ como arqueólogo, realizámos uma breve referência a Pedro de Roure Pietra²², que considerámos obrigatória dada a sua envolvimento na história da arqueologia em Tomar. (Peixoto e Martins, 2020)

²⁰ Vide, a título de complemento, o artigo *Vieira Guimarães (1864-1939) e a Arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes* (Peixoto & Martins, 2020). Sobre este assunto apresentámos conteúdo inédito, incluindo uma participação de José Vieira Guimarães num congresso em 1923, assim como, consideramos que comete uma falha, em nossa opinião, a prova potencial do seu trabalho.

²¹ José Vieira da Silva Guimarães, nasce em Tomar a 13 de agosto de 1864, formado em Medicina na Escola Médico Cirúrgica de Lisboa em 1897, falece em Lisboa a 6 de março de 1939. Realiza um percurso de vida centrado na valorização da terra de onde é natural; participa em diversas associações, academias e sociedades, publica obras literárias, recebe o grau de Comendador da Ordem de Cristo em 1903, é eleito deputado da nação e torna-se professor de História e Geografia no Liceu Camões em Lisboa, ocupa o cargo de diretor da Sociedade Propaganda de Portugal. (Ribeiro, 2012; Peixoto, 2020) A 26 de janeiro de 1902, José Vieira da Silva Guimarães, é admitido na *Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses*, com a categoria de correspondente e o número de sócio 806.

²² Pedro de Roure Pietra, nasce em Lisboa em 1815, administrador de fábricas em Tomar, agrónomo, político, falece nesta cidade a 26 de maio de 1874. É sócio correspondente n.º 68, junho de 1864, da *Associação dos Arquitectos Civis Portugueses*. (Archivo de Architectura Civil, 1866)

Estamos perante duas individualidades nascidas no mesmo século, mas pertencentes a momentos distintos da arqueologia em Portugal. Através da informação recolhida, encontramos Pedro de Roure Pietra pela primeira vez envolvido em achados arqueológicos em 1856; enquanto sobre José Vieira da Silva Guimarães temos a primeira referência em 1895 a propósito das escavações na Igreja de Santa Maria do Olival em Tomar (Peixoto e Martins, 2020). Por conseguinte, a comunicação que agora apresentamos não se trata de uma repetição de conteúdo, mas de um conhecimento acrescido sobre estes dois arqueólogos, mostrando a intervenção de cada um na salvaguarda do património cultural de Tomar, ao mesmo tempo que permite assistirmos aos acontecimentos em que estão envolvidos e a revisitar os primórdios da arqueologia na região.

A empresa lançada para o estudo da obra e vida de José Vieira Guimarães em 2017, suscitou o interesse em realizar uma investigação sobre a pessoa Pedro de Roure Pietra, fruto do surgimento destes sobrenomes, tão pouco portugueses, em dois locais distintos: na obra *Thomar Santa Iria* (1927) de José Vieira Guimarães, quando este refere que *dois cipos romanos foram oferecidos pelo cidadão Pedro de Roure Pietra*; (Guimarães, 1927: 3) e num artigo publicado na revista *O Panorama*²³ em 1843 sobre a igreja tomarense Santa Maria dos Olivais (ou do Olival), no qual os seus autores mencionam que recolheram a informação junto de *um patrício da villa de Thomar de nome Pedro de Roure Pietra*.²⁴ (Carvalho, 1843)

Sobre a arqueologia em Tomar, é necessário relembrar que o século XIX se pauta por um apreço acrescido pela Antiguidade Clássica cultivada por Academias e Sociedades eruditas, com destaque para a *Associação dos Arquitetos Civis Portugueses* (AACCP), fundada a 22 de novembro de 1863 por Joaquim Possidónio da Silva²⁵ (1806-1896), que liderava um grupo de professores de arquitetura da Academia Real das Belas-Artes de Lisboa e da Repartição ministerial de Obras Públicas. (Martins, 2013) Teve em Tomar, como sócio correspondente n.º 68, junho de 1864, Pedro de Roure Pietra. (Arquivo de Architectura Civil, 1866; Ministério da Educação Nacional, 1938)

²³ O Panorama, jornal literário e instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, foi um jornal de periodicidade semanal, com o primeiro número editado em 1837 e o último, em 1868.

²⁴ Fruto da investigação lançada, o coautor deste artigo João Amendoeira Peixoto, publicou uma crónica no *Jornal Cidade de Tomar* em 2017 intitulada *O Lavrador que foi Presidente da Câmara de Tomar*, assim como, um e-book em 2020, denominado *Thomar Pietra: segredo de pedra*, onde aborda a vida de Pedro de Roure Pietra. (Peixoto, 2017; Peixoto, 2020)

²⁵ Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896), fidalgo e arquiteto da Casa Real, cofundador da *Associação dos Arquitetos Civis Portugueses* em 1863. (Martins, 2013)

A partir de 1871, através da agregação da componente arqueológica, passa a designar-se por *Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses* (RAACAP) (Martins, 2013; Martins, 2015; Martins, 2016; Martins, 2017).

Pedro de Roure Pietra efetua intervenções arqueológicas em Tomar, tendo oferecido, a 4 de abril de 1857²⁶, dois cipos romanos encontrados na *Serrada de João do Coito*²⁷. Neste mesmo ano, toma posse a 1 de novembro como vereador eleito e, entre seis vereadores, é eleito Presidente de Câmara.²⁸ (Rosa, 1941)

Joaquim Possidónio da Silva publica o artigo *Descobrimto da cidade de «Nabancia» em Portugal* em 1881, no Boletim da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, onde menciona uma escavação que efetua num local a que denomina *Marmeleiro* (Marmelais²⁹), *distante da cidade a dois kilometros*; onde refere efectuar diversos achados arqueológicos, situando no território a mítica *cidade romana de Nabancia*. Relembra igualmente a primeira visita que realiza a Tomar, justificando a presença através da salvaguarda do património:

andava em 1857, por curiosidade própria, percorrendo as províncias para salvar do vandalismo os **objectos artísticos e archeologicos (...)**; revelando a descoberta de grandiosas peças de cantaria com molduras perto da igreja de Santa Maria do Olival, que chega a adquiri-las por intervenção do meu finado amigo o archeologo Pedro de Roule³⁰. (Silva, 1881: 152)

De acordo com a página digital do *Património Cultural*, Pedro de Roure Pietra é o primeiro a realizar achados no Cerrado de João do Couto no ano de 1856. (Património Cultural, 2022) Estas intervenções acontecem numa sociedade conservadora que

²⁶ Obtivemos esta informação através dos Anais do Município de Tomar, confirmada através da leitura das atas municipais do ano de 1857, presentes no Arquivo Municipal de Tomar.

²⁷ A Cerrada de João do Couto corresponde a uma porção de terreno próxima do antigo *fórum* romano de Seillium, situado na rua Carlos Campeão em Tomar. De acordo com a página digital do Património Cultural, a primeira referência a achados no local é de 1856, tendo Pedro de Roure Pietra descoberto duas inscrições, sendo que o mesmo autor recolheu quatro bases de colunas no mesmo local em 1863. (Património Cultural, 2022)

²⁸ Por decreto n.º 23 de 16 de maio de 1832, dentre os vereadores um era eleito presidente da câmara. A proximidade temporal destes dois momentos, a oferta dos cipos romanos e a eleição camarária, leva-nos a questionar sobre a ligação destes acontecimentos, considerando que Pedro de Roure Pietra se apresenta na sociedade tomarense como alguém interessado no seu património cultural, inovador na exploração do território através da arqueologia.

²⁹ Lugar de Marmelais, pode ser subdividido atualmente em Marmelais de Baixo e Marmelais de Cima, localizado na antiga freguesia de Santa Maria dos Olivais, hoje pertencente à União de Freguesias de Tomar.

³⁰ Queremos salientar que Pedro de Roure Pietra é mencionado como *archeologo*. À imagem do artigo de 1863, em 1881 é cometido o mesmo erro gráfico: *Roule* em vez de *Roure*.

questionava este tipo de práticas. O estudo da vida deste arqueólogo, permite-nos perceber que pertence a uma família influente na sociedade nabantina através da indústria com forte capital económico, social e cultural. Contexto familiar que agiliza esta sua atividade científica e cultural ao longo da vida que queremos abordar com minúcia a partir da troca epistolar mantida com Possidónio da Silva.

3. O ARQUEÓLOGO ROURE PIETRA E A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO CULTURAL DE TOMAR

Pedro de Roure Pietra chega a Tomar, onde se estabelece, na companhia da sua família³¹, fruto dos negócios familiares que ali prosperam. O seu tio Francisco de Roure, propôs construir uma fábrica de papel no sítio do Prado em 1823, tendo inclusive contratado um mestre genovês de nome Bartolomeu Testa e outros italianos, *afim de conseguir que na mesma Fábrica se manufacture bom papel*. O negócio é posteriormente vendido a Silvestre Shiappa Pietra³² (1773-1860), casado com Maria de Roure, irmã do antigo proprietário. (Ruas, 2014; Carreira, 2016)

A 30 de maio de 1842, a Câmara de Tomar patrocinou a sua majestade a Rainha de Portugal, uma representação dos proprietários das sete fábricas de Tomar, que empregavam cerca de 650 pessoas, contra *os infaustos tratados de 1810* da Grã-Bretanha; nela constam o administrador da Fábrica de fiação de algodão, Silvestre Schiappa Pietra e o administrador da fábrica de papel do Prado, Pedro de Roure Pietra. (Rosa, 1967; Rosa, 1982)

Tal como tínhamos referido, encontramos o seu nome a colaborar como informador dos autores das crónicas do jornal literário *O Panorama* em 1843, sobre a igreja de Santa Maria dos Olivais (ou do Olival). *A curiosidade patriótica*, segundo os autores³³ de *O Panorama*, o Sr. Pedro de Roure Pietra, que *leu e percorreu* o precioso documento, conseguindo o que os próprios não conseguiram ter acesso, revelando ser *patricio da villa de Thomar*. (Carvalho, 1843) Pedro de Roure Pietra participa igualmente com publicações suas, no período temporal entre 1842 e 1844, na *Revista Universal*

³¹ Filho de Silvestre Schiappa Pietra e de Maria Anne Leonor de Roure; tem como irmãos Maria Miquelina, Maria Henriqueta e Henrique.

³² Silvestre Schiappa Pietra (1773-1860), industrial, natural de Pernes, filho do genovês Pedro Schiappa Pietra. (Custódio e Santos, 1990; Peixoto, 2020)

³³ Os quatro artigos destinados à igreja de Santa Maria dos Olivais são assinados por João da Cunha Neves e Carvalho, sobre quem faremos referência adiante neste artigo.

*Lisbonense*³⁴, onde intervêm vários intelectuais da época tais como Alexandre Herculano e João da Cunha Neves e Carvalho ³⁵(1784- 1856), sendo identificado como *Lavrador*³⁶.

Nos artigos que escreve demonstra conhecimento sobre a fabricação de açúcar e manteigas, explanando processos de fabricação e utensílios. Numa crónica dedicada à fabricação de açúcar de beterraba, Pietra apresenta a sua opinião sobre o *estado da arte*³⁷ naquele ano:

Animar a indústria e a agricultura é por todos conhecido ser a única maneira possível para se tirar Portugal do empobrecimento e da miséria; é numa palavra abrir novas e inesgotáveis fontes de riqueza, que substituam as outras que tivemos e que estancaram por uma vez. O governo, porém, a quem isso cumpria, não cura de tal; e aos particulares que estão no caso de o poderem fazer, também tal não importará enquanto corroer as entranhas a este pobre país o cancro da agiotagem. (Pietra, 1843)³⁸

Como resposta à publicação de *Memória sobre o Convento de Cristo em Tomar* (Carvalho, 1842) pela Sociedade Propaganda dos Conhecimentos Úteis, da autoria de João da Cunha Neves e Carvalho, Pedro de Roure Pietra publica uma crítica na Revista Universal Lisbonense sobre esta obra. Intitulada *Resumo de uma carta: O Convento da Ordem de Christo em Thomar*, demonstra a sua opinião sobre a degradação do Convento de Cristo, identifica o autor João da Cunha Neves de Carvalho e apela a uma tomada de decisão para preservar o monumento que poderia passar pela ocupação do

³⁴ A Revista Universal Lisbonense é de publicação generalista, absorvendo diversos assuntos desde a agricultura, curiosidades, notícias enviadas pelos leitores, tendo dado início em 1841 e terminado em 1853. Várias personalidades distintas da época que nela participaram, tais como Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Bulhão Pato, Jacinto Amaral Frazão entre outros.

³⁵ João da Cunha Neves e Carvalho (1784-1856), natural da vila de Barcelos. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra e desembargador da antiga Casa da Suplicação, dedicou-se à advocacia e à história. Foi sócio da Academia das Ciências de Lisboa e do Instituto Histórico Geográfico do Brasil.

³⁶ Consideramos que os artigos que desenvolve para esta revista, refletem o seu conhecimento, dedicação e compromisso como agrónomo e intelectual, disfrutando de uma destreza de escrita que lhe é um útil instrumento.

³⁷ A participação de Pedro de Roure Pietra na imprensa nacional tem grande atividade entre 1842 e 1844; altura em que António Bernardo da Costa Cabral (1803-1889), futuro conde de Tomar em 1845 e posteriormente marquês em 1878, restabelece a Carta Constitucional, sendo ministro do Reino desde fevereiro de 1842, impondo uma governação, até à Revolução Maria da Fonte em 1846.

³⁸ Queremos aqui assinalar a sua contestação contra a governação do ministro António Bernardo da Costa Cabral (1803-1889) no que toca às necessidades do tecido industrial e agrícola.

monumento por uma entidade que lhe atribua utilidade e assegure restauro³⁹: *a casa ajudará à instrução e edificação dos eclesiásticos recolhidos sob as suas abóbadas inspiradoras, (...) em recompensa para que a ruína (...) não só mude mas desapareça* (Pietra, 1843b)

Desta forma, deparamo-nos com alguém que se envolve publicamente com os intelectuais do seu tempo, opinando na imprensa nacional acerca da salvaguarda do património cultural anos antes do seu encontro com Posidónio da Silva em Tomar.

A partir de 1843-1844, de acordo com Jorge Custódio (2012), quando Costa Cabral ocupa o convento, acontece uma campanha de restauro da igreja manuelina levada adiante pelo próprio e *sancionada* por D. Fernando II, ao exercerem pressão junto dos ministérios do Reino, das Obras Públicas e das Finanças. Assiste-se então ao regresso das tábuas à Charola e à reintegração de quatro pinturas restauradas pela Academia Real de Belas Artes. Esta campanha abrangia ainda uma campanha de obtenção de apoio financeiro para a reutilização da igreja e valorização patrimonial, onde estão incluídos o castelo, a Charola, a janela do Capítulo e o claustro D. João III. Jorge Custódio salienta que este processo demonstra um caso em que a *valorização patrimonial concorre para a salvaguarda e conservação do monumento e para o regresso do património deslocado*. (Custódio, 2011, 564)

Entre março e abril de 1846, uma contestação popular no Minho, liderada por Maria da Fonte, fruto da proibição de enterros nas igrejas confinando os mesmos aos cemitérios, levou a novos protestos, ganhando contornos de revolta, leva ao surgimento de grupos de guerrilha, onde participam absolutistas e setembristas. António da Costa Cabral segue para o exílio, e assiste-se à Guerra da Patuleia⁴⁰ que se prolonga até ao ano seguinte. Durante esta guerra civil, Pedro de Roure Pietra surge

³⁹ De acordo com a informação que recolhemos da autoria de Pedro de Roure Pietra, consideramos que não simpatiza com o fim das ordens religiosas, considerando que a extinção das mesmas levou ao abandono dos monumentos, dando como exemplo o Convento de Cristo.

As ordens religiosas foram extintas por decreto de 25 de maio de 1834 e por decreto de 14 de julho de 1834, foram os bens das mesmas postos à venda. O Convento de Cristo, que figura na lista n.º 318: N.º 122, “A cerca do sobredito convento denominada Quinta dos Sete Montes, e é toda murada”; tendo sido colocado à venda em 7 de novembro de 1837 por 5000\$000. António da Costa Cabral, foi o seu comprador, tendo posteriormente o seu neto Conde Bartolomeu da Costa Cabral em 1934 vendido ao estado por 560 contos. (Rosa, 1982) De acordo com Jorge Custódio (2012) a venda a Costa Cabral, acontece em 1843-1844, e incorpora uma parte significativa da área de clausura: duas quadras do Claustro dos Corvos e a cerca conventual. (Custódio, 2012)

⁴⁰ Na sequência dos acontecimentos da revolta popular acontece uma guerra civil em 1847, designada Patuleia ou Guerra da Patuleia, entre cartistas (defensores de Costa Cabral) e setembristas.

como comandante da *Companhia de Voluntários de Tomar*⁴¹, uma guerrilha da qual consideramos ser um dos principais organizadores. (Rosa, 1982)

Entretanto, o historiador Manuel de Guimarães, num trabalho dedicado à *Academina Philamonica Thomarensis* (1843-1850), revela-nos a participação de Pedro de Roure Pietra como secretário nas primeiras direções e presidente na quinta direção em novembro de 1845, surgindo inclusive como autor de peças musicais, manifestando que a academia é vítima da perturbação social em 1847 que só permitiria o reatamento da atividade em 1850. Manuel Guimarães refere que, neste período, o padre Miguel de Carregueiros *ataca no púlpito*, apelando ao apedrejamento da casa da Guarda Nacional, enquanto permite guardar na sua residência um arsenal de armas. A prisão de um jovem, que tinha sido visto na companhia de Pedro de Roure Pietra, é descrita como *desertor fillado na guerrilha de Pedro de Roure*. Manuel Guimarães defende que Pietra é nesta altura protegido pela posição social e económica da família. (Guimarães, 1982) Importante ressaltar que, à época, a Fábrica de Papel do Prado estava situada na freguesia de Carregueiros.⁴²A força militar dirigida por Pietra marca posição na região de Tomar, com destaque na zona da Serra de Tomar e Olalhas, no entanto, com as vitórias dos cartistas no Reino, em Tomar é organizado um grupo armado pela Administração do Concelho que irá avançar sobre os Setembristas; entrincheirados na Fonte de D. João são repelidos em maio de 1847, após duros combates. (Rosa, 1982)

Após um período de vida em que Pedro de Roure Pietra participa ativamente numa linha de publicação e participação na sociedade que seguia a dinâmica do romantismo e positivismo do século XIX, a guerra altera o seu percurso, a sua posição na salvaguarda do património parece manter-se.

Em 1848, na companhia de Abreu Moniz Serrão, investe na reabilitação da Ermida da Imaculada Conceição em Tomar (Ermida de Nossa Senhora da Conceição), em cujo interior se encontra uma placa identificando a data de origem do monumento (1572), da profanação pelos invasores franceses de 1810 e da respetiva reabilitação em 1848. (Figura 1)

⁴¹ Grupo armado, possivelmente organizado por Pedro de Roure Pietra, que consideramos ser setembrista.

⁴² Como prova da possível ligação deste padre Miguel e Pedro de Roure Pietra, encontramos uma certidão de casamento de Nicolas Testa (filho de Bartolomeu Testa) e Inocência Maria em junho de 1844, onde Pedro de Roure Pietra é padrinho, assinada pelo *Prior Miguel Nunes*. (Tombo, 2022)

Após a guerra civil de 1847, a reputação de Pedro de Roure Pietra sai fragilizada pela derrota dos setembristas e pela guerrilha que tinha liderado nesta contenda. Não obstante, o empenho na reabilitação da ermida, para além de comprovar uma saúde financeira, é motivada pela necessidade de marcar posição perante a sociedade tomarense no que toca à salvaguarda do património cultural, possivelmente perante os acontecimentos ocorridos no Convento de Cristo⁴³ onde são colocadas em prática ações de restauro pelo Conde de Tomar, o seu inimigo cartista. Prova daquela fragilidade e possível exclusão social, será o fim da conceituada *Academia Philharmonica Thomarensis* (1843-1850), a tentativa de criação da *Sociedade Philarmónica Thomarensis* (1851) em cujas votações Pedro Pietra é eleito Vice-Presidente por escassos quatro votos, e a criação de outra sociedade em 1853 por nome *Assemblea Philharmonica Thomarensis* (1853-?) cuja lista de sócios fundadores é encabeçada pelo Conde de Tomar, não marcando presença nenhum dos irmãos Roure Pietra. (Guimarães, 1982)

Em 1856/1857, volta a envolver-se na política local, agora como presidente de câmara eleito. Durante a sua administração adota um conjunto de *posturas municipais*, assim como dirige um pedido a El-Rei para que a *diretriz férrea da linha do norte* passasse por Tomar, o que *era um meio eficaz de promover a sua futura prosperidade*. (Rosa, 1982, 95) Após este curto período de participação camarária, volta a afastar-se, por razões ainda não totalmente esclarecidas.

Como já tínhamos feito referência, Pedro de Roure Pietra surge como sócio correspondente número 68, em junho de 1864, da *Associação dos Arquitetos Civis Portugueses* (AACP).⁴⁴ Fruto das escavações que Pedro de Roure Pietra coloca em marcha em Tomar no início da segunda metade do século XIX, como sócio correspondente da AACP, estabelece contacto com Possidónio da Silva.⁴⁵ Tivemos a possibilidade de analisar algumas das cartas⁴⁶ escritas por Pietra (Peixoto, 2020a), que contextualizam o seu percurso como arqueólogo. Uma destas cartas, datada 1864⁴⁷, informa Possidónio da Silva sobre a publicação de artigos na *Gazeta de Portugal*⁴⁸, relacionados com a história de Tomar e D. Gualdim Pais⁴⁹, da autoria do próprio Pedro

⁴³ *Vide supra*.

⁴⁴ Encontrámos igualmente como sócio número 168, António Bernardo da Costa Cabral, *sócio amador* de 29 de maio de 1866. (Ministério da Educação Nacional, 1938)

⁴⁵ Vide página 27 do e-book *Thomar Pietra: segredo de pedra* (Peixoto, 2020), inclui as respetivas cartas.

⁴⁶ Vide Anais UAMOC, volume I.

⁴⁷ Numeradas como n.º 2258 e n.º 2254, por Garcez Teixeira.

⁴⁸ *Gazeta de Portugal* (1862-1867), jornal fundado por António Augusto Teixeira de Vasconcelos.

⁴⁹ Inclui dois artigos dedicados a D. Gualdim Pais, publicados a 27 e 28 de fevereiro de 1863, assim como, quatro artigos sobre a história de Tomar, publicados a 9, 14, 19, 26, 27 e 28 de maio de 1863.

de Roure Pietra e que tivemos já oportunidade de consultar na íntegra. Queremos salientar, no presente contexto, que Pietra confirma que em 1863 a lápide fúnebre de D. Gualdim Pais, mencionada no Tomo III da obra *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares* (1712) pelo padre António Carvalho da Costa (1650-1715), se encontra em parte incerta.⁵⁰

Sobre as duas cartas de 1864, elas referem-se à igreja de Santa Maria dos Olivais em Tomar, com achados de estelas na zona envolvente ao monumento, local da necrópole medieval, salientando a importância de se realizar uma escavação no local.

Sobre este último assunto, julgamos estar associada a notícia publicada no primeiro número do *Archivo de Architectura Civil - Jornal dos Architectos Portuguezes e Archeologos* (número 1 de 1865), onde consta que *o Nosso digno sócio correspondente o Exmo. Sr. Pietro, offereceu igualmente para o nosso museu archeologico, tres pedras que serviram de cabeceiras às sepulturas dos cavalleiros templarios em Thomar; sendo estas pedras as únicas que escaparam ao vandalismo do furor estúpido dos destruidores dos monumentos nacionaes.* (Archivo de Architectura Civil, 1865: 16) Informação que coincide com a carta n.º 2258 de 1864, onde Roure Pietra se lamenta da destruição de estelas medievais pela *Junta da Parochia* de 1836.

Outras duas cartas, a n.º 281 e n.º 300, ambas identificadas por Garcês Teixeira como pertencentes ao *Tomo III*, de 1866 e 1867, apresentam novamente como tema central a Igreja de Santa Maria dos Olivais. Roure Pietra questiona sobre o seu pedido para as escavações, menciona a aquisição de uma estela *em perfeito estado de conservação*, opinando ainda, de modo desassombrado, sobre o museu arqueológico fundado por Possidónio da Silva em 1864, o Museu Arqueológico do Carmo (MAC): *Ouçõ que se cuida aí em nova sociedade arqueológica. Eu depois que vi o que são museus arqueológicos, perdi o furor, porque entendo que neste país não é possível levar a efeito coisa que boa seja: tudo são misérias.*

⁵⁰ De acordo com Roure Pietra, a lápide é colocada no *tempo do sr. rei D. Manuel (...) collocando uma inscripção na parede, que o padre Carvalho diz ter visto, mas que ainda até hoje não foi possível descobrir.* (Pietra, 1863: 1)

Este elemento dedicado ao mestre templário, viria a ser redescoberto por José Vieira Guimarães durante as escavações de 1895 na Igreja de Santa Maria dos Olivais.⁵⁰

Segundo Pietra, foi descoberta uma moeda de ouro pertencente à era suevo-visigoda: *Uma moeda d'ouro de Shindavitho*⁵⁰ assim como de que *foram desenterradas as bases de quatro enormes columnas.* (Pietra, 1863b: 1)

Assinala igualmente a presença da inscrição *STEFANI*, que ainda hoje está visível, ao mesmo tempo que discorre sobre os sepulcros medievais, lembrando que, em Santa Maria dos Olivais, se encontravam *os mausoléus de D. Gualdim Paes e de outros mestres da Ordem do Templo, esses quebraram tudo, e sumiram os ossos de tal modo, que me não tem sido possível descobrir o local onde foram metidos.*

Na carta n.º 378⁵¹, Roure Pietra volta a mencionar os cipos romanos, dando a informação a Possidónio da Silva de que os mesmos irão *brevemente*, até porque, na carta n.º 300⁵², de 2 de maio, informara que a Câmara Municipal de Tomar os *cedera* para o museu arqueológico de Possidónio da Silva. De igual forma, Pedro de Roure Pietra envia nesta carta *a cópia e a interpretação* dos dois cipos. Na verdade, pertencendo a AACP e encontrando-se instalado nas ruínas da antiga igreja do Carmo de Lisboa, sede associativa, o MAC funcionava como uma espécie de museu de salvados, de resgate do património nacional. (Museu do Carmo, 2022) O jornal da AACP, número 7 de 1866, 1.ª série, revela-nos parte deste museu, onde surgem três peças procedentes de Tomar: um *marco* romano, uma cabeça de madeira e um túmulo medieval. (Arquivo de Architectura Civil, 1866) (Figura 2) Sobre o elemento romano, ele *foi encontrado numa quinta de Thomar, e entregue pelo proprietário á camara municipal daquela cidade, que o cedeu ao nosso museu.* (Arquivo de Architectura Civil, 1866: 109-110) Segundo esta publicação refere-se ao imperador *Marco Aurélio*, pelo que, tendo em consideração o que escrevemos sobre a carta n.º 378 de Roure Pietra, e coincidindo com a informação que faculta sobre o nome do imperador, corresponde a um dos dois cipos romanos enviados para o MAC.

A 26 de maio de 1874⁵³, com 59 anos, solteiro e sem descendentes, Pedro de Roure Pietra falece em Tomar, na cidade que adotou como sua. (Tombo, 2020)

⁵¹ Esta carta, de acordo com Garcês Teixeira, apresenta a lápis a data de 1868, no entanto, consideramos ser 1866, pois se refere aos Cipos que são enviados neste ano. A ata de 1 de maio de 1866 da Camara Municipal de Tomar considera que o *dito Museu é o local mais apropriado para todas as antiguidades do nosso país* (Guimarães, 1927:4), referindo que irá informar Pedro de Roure Pietra sobre a decisão do envio dos cipos. Roure Pietra, assina a carta no 378, a 7 de maio de 1866, já informado.

⁵² Sobre a data apresentada de 1867, por Garcês Teixeira, mais uma vez, consideramos ser de 1866, assinada a 2 de maio, o dia seguinte da decisão de envio dos cipos na sessão camarária de 1 de maio de 1866. Para um melhor entendimento desta situaao o livro *Thomar Sta. Iria* de José Vieira Guimarães é uma mais valia, inclui na integra a ata camarária de 1 de maio de 1866. (Guimarães, 1927:4)

⁵³ A 4 de junho de 1873, foram entregues os convites para levar as varas do Pálio da *Procissão do Corpo de Deus* em Tomar, no entanto, à imagem de outros anos, Pedro de Roure Pietra não se encontra entre os participantes, sendo que o irmão Henrique marca presença. (Rosa, 1967b)

Na sessão de Câmara de 10 de dezembro deste mesmo ano, o seu nome surge a liderar a lista da Freguesia de Tomar, nas *Actas* das eleioes das Juntas de Paróquias, para o bienio 1874-1875. (Rosa, 1967b)

4. O ARQUEÓLOGO VIEIRA GUIMARÃES E A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO CULTURAL DE TOMAR

No ano e mês em que Pedro de Roure Pietra faleceu, José Vieira da Silva Guimarães tem nove anos de idade.

No *III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses* em 2020, na comunicação que apresentámos sobre José Vieira Guimarães abordámos dois assuntos de relevância na história da arqueologia em Tomar: a investigação na igreja de Santa Maria dos Olivais com a colaboração de Manuel Henrique Pinto⁵⁴ (1853-1912) e José da Silva Magalhães⁵⁵, na descoberta da lápide parietal do túmulo de D. Gualdim Pais⁵⁶; e a localização de Seilium na região nabantina. (Guimarães, 1927)⁵⁷

Ao conteúdo apresentado em 2020 (Peixoto e Martins, 2020), queremos adicionar agora a informação que o autor Amorim Rosa⁵⁸ (1900-1976) nos fornece no segundo volume da obra *História de Tomar* (1965), quando se refere ao *23.º Mestre*, D. Lourenço Martins: *faleceu a 1 de Maio de 1308, sendo trasladado para Santa Maria do Olivais, onde o Dr. Vieira Guimarães descobriu a sua laje tumular (...).* (Rosa, 1965: 52) Embora o momento temporal da descoberta desta segunda lápide não nos é facultado, consideramos ser posterior a 1895.

O percurso de vida de Vieira Guimarães leva-o a envolver-se em conflitos locais. Após terminar o curso na Escola Médico Cirúrgica de Lisboa em 1897, instala consultório em Tomar. No entanto, as lides políticas terão contribuído para que desenvolvesse inimizades pessoais no final do século, ao ponto de ser ridicularizado num dos dois jornais *da terra*. Acontecimento que terá contribuído, em parte, para o seu empenho na redação de uma obra que o valorizasse: *A Ordem de Christo* (1901). Pese embora todos os

⁵⁴ Pintor naturalista, elemento do *Grupo O Leão* e próximo de José Malhoa, ambos pintores do primeiro naturalismo português, que em 1895 cumpria funções como diretor da Escola de Desenho Industrial Jácome Ratton em Tomar desde 1888, ano em que ocupa o lugar do seu falecido amigo Cipriano Martins, outro elemento do *Grupo O Leão*.

⁵⁵ Arquiteto tomarense e irmão do fotógrafo e editor António da Silva Magalhães (1834-1897).

⁵⁶ Sobre este assunto apresentámos um texto inédito de Vieira Guimarães no *III Congresso Internacional de História Local: conceitos, práticas e desafios na contemporaneidade*, onde surge a seguinte consideração: (...) *d' este inclito mestre; e também d' esse túmulo, nos parece ser o leão e um lado que se vê na base da torre da Igreja de São João Baptista* (Peixoto, 2019: 8)

⁵⁷ Demonstrámos, então, que participa no congresso misto de Salamanca em 1923 e localiza Seilium em Tomar onde passaria a via romana entre Scalabis a Aeminium.

⁵⁸ Natural de Tomar, historiador, militar e político. Autor de várias obras dedicadas à história nabantina. Neto do médico João Maria de Sousa, outro elemento dedicado à história de Tomar, sobre quem já tivemos a oportunidade de abordar no *IV Congresso de História Local: conceitos, práticas e desafios na contemporaneidade* em outubro de 2020.

diferendos, a verdade é que, logo no ano seguinte, é convidado para o cargo de *representante em Thomar do concelho dos monumentos*⁵⁹, onde desempenha esta função na companhia de Manuel Henrique Pinto, assim como, a sua integração no conselho dos monumentos coincide com a entrada na (agora redenominada) Real ACAP (vide supra).⁶⁰

De acordo com Jorge Custódio (2011), Vieira Guimarães é proposto para vogal correspondente do Conselho dos Monumentos Nacionais por Pedro d'Ávila⁶¹(1832?-1904), com quem *trabalhou no apoio ao projecto e orçamento do claustro principal* ⁶²(1900-1902) do Convento de Cristo. No litígio que então se estabelece em seu redor, o médico nabantino propõe reintegrar a cozinha e o refeitório na parte visitável do Monumento, processo que se delongará, finalizando já em plena I República. Posteriormente, Vieira Guimarães irá defender a criação de um museu arqueológico neste mesmo refeitório. (Custódio, 2011: 319)

Ainda neste contexto, assinalamos uma carta enviada a Augusto Fuschini (1846-1911), *presidente da Comissão Executiva dos Monumentos Nacionais* por Luís Caetano Pedro d'Ávila, datada de 1 de maio de 1901, com o assunto *Apreciação de um local para uma cadeia provisória em Thomar*.⁶³ Neste documento, Pedro d'Ávila revela que Vieira Guimarães o acompanha e de que trocam informações sobre o Convento de Cristo, considerando o próprio que o monumento apresenta condições deficitárias para o efeito pretendido. Revela que o médico concorda com esta sua opinião tendo-o encaminhado até à Várzea Grande em Tomar, onde existe uma capela de invocação a S. Sebastião, pertencente à Câmara Municipal, que considera ter condições para alojar

⁵⁹ Conselho dos Monumentos Nacionais, criado em 1902 pela Monarquia Constitucional, precede duas instituições similares (a Comissão dos Monumentos Nacionais e o Conselho Superior dos Monumentos Nacionais), tem por objetivos informar sobre ameaças à conservação dos monumentos, propor obras de reabilitação e monumentos para classificação, colaborar com as autoridades na conservação e restauro efetivos, documentar e inventariar os bens móveis. (Custódio, 2011: 365)

⁶⁰ É no vórtice desta contenda que, em 1903 é agraciado com o *grau de Commendador da Real Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo*, tendo esta nomeação surgido na sequência da publicação da obra *A Ordem de Christo* (1901) (Ribeiro, 2012: 14)

⁶¹ Luís Caetano Pedro d'Ávila, engenheiro-militar e arquiteto.

⁶² Tivemos a possibilidade de consultar uma carta referente ao *orçamento por estimativa para o restaurar o bello claustro da renascença/ da Roma Moderna de D. João 3º (vulgarmente chamado dos Fillipes) em Thomar*; e queremos destacar a designação apresentada que se enquadra com a assumida por José Vieira Guimarães: o Claustro D. João III.

⁶³ Pedro d'Ávila refere que foi a Tomar, a pedido do presidente do Conselho Superior dos Monumentos Nacionais, Augusto Fuschini (1846-1911), a *procurar o Sr. Doutor Vieira Guimarães, para conjuntamente com este Srº examinar o local para onde a Camara Municipal de Thomar deseja mudar as cadeias civis no Convento de Christo aos 20 d' Abril*. (Torre do Tombo, 2020)

peçoas e ser uma possibilidade para o efeito de cadeia provisória. (Torre do Tombo, 2020)

José Vieira Guimarães escreve igualmente *ao presidente da comissão executiva do Conselho de Monumentos Nacionais*, Augusto Fuschini, carta de 11 de maio de 1902, a agradecer por ser nomeado representante em Thomar do Conselho de Monumentos, dando início às suas funções como vogal. Nesta mesma carta, refere-se ao Convento de Cristo, *o mais rico e patriótico dos monumentos de Portugal*, onde após enaltecer o mesmo e questionar sobre o paredeiro de *dinheiros*, apresenta uma situação relacionada com um *chefe de cantoneiros*, um *excelente empregado* que esteve em vias de ser transferido, terminando com uma lista de apontamentos prioritários referentes a partes do Convento de Cristo e castelo, em concreto: *Torre de Menagem, Claustro da Lavagem, Claustro do Cemitério, antiga entrada dos Templários para o castello, Charola, corredor das enfermarias, Claustro da Hospedaria*; acrescentando necessidades que envolvem todo o complexo monumental, tais como *limpeza de cantarias e extinção de raízes, ervas e plantas daninhas*. Termina, considerando-as *reparações urgentes*. (Torre do Tombo, 2020)

Augusto Fuschini documenta a 9 de junho de 1902, em folha timbrada pelo Conselho Superior de Monumentos Nacionais, a lista de trabalhos propostos por José Vieira Guimarães: *Nota de pequenas reparações de que carece o extinto Convento de Christo*.

(Torre do Tombo, 2020)

A Comissão Executiva do Conselho dos Monumentos Nacionais tinha na sua missão ser mais eficaz na sua ação sobre a conservação dos monumentos, pelo que a contratação de funcionários do Ministério de Obras Públicas fosse de ter em consideração. (Custódio, 2012) Sobre este assunto, Vieira Guimarães, em colaboração com Manuel Henrique Pinto, propôs a conservação do Convento de Cristo a um *chefe de conservação do distrito* remunerado pela entidade pública. De acordo com Jorge Custódio (2011), Vieira Guimarães e Henrique Pinto *souberam entender as exigências constantes da defesa do monumento contra os constantes actos de vandalismo e as exigências quotidianas de manutenção*. (Custódio, 2012: 322) Após consultarmos a carta manuscrita por José Vieira Guimarães, de 1 de novembro de 1902, a escolha do empregado José António Baptista Ribeiro é acompanhada de um breve resumo dos seus préstimos e qualidades: *este cuidadoso empregado nas horas de menos serviço nas estradas empregava os seus subordinados em limpezas, desentulhos (...) tal era o amor e interesse com que cuidava d' esta sagrada relíquia (...)*. (Torre do Tombo, 2020) A proposta é aceite, tendo Baptista

Ribeiro começou a desempenhar as suas funções no Convento de Cristo, exercendo-as entre 1904 e 1906 e, ficando a residir no 1.º piso do Claustro da Hospedaria, na designada *Casa do Fâmulos*. (Custódio, 2011: 323)

No âmbito de uma excursão científica da Sociedade de Geografia de Lisboa ao Convento de Cristo (1905), Vieira Guimarães publica a obra *A Missão de Portugal e o Monumento de Thomar*. Podemos descrever este livro como um discurso de encerramento da excursão, onde a ligação entre a história de Tomar e os seus monumentos é colocada em evidência através de uma abordagem histórica na qual outros acontecimentos e construções da humanidade são trazidos para comparação e elevação dos feitos nacionais. (Guimarães, 1905) Encontrámos uma notícia sobre esta excursão na revista *A Construção Moderna*, N.171, de 10 de julho de 1905, onde, em tom de elogio público, Vieira Guimarães é apresentado e analisada a sua intervenção onde *fez resumir em lucida conferencia tudo quanto escreveu, tudo quanto sabe, acerca do Convento de Christo em Thomar*. (Mattos, 1905: 115)

De acordo com os dados por nós recolhidos até ao momento, constata-se que ser Vieira Guimarães alguém com uma **apetência especial para acompanhar visitas** ('excursões', como então se designavam) aos monumentos que conhece com maior profundidade, expressando-se por vezes de forma efusiva, opinando, sempre que necessário, sobre assuntos em debate, pugnando, em permanência, pela valorização do património cultural e assim suscitar novas sensibilidades junto dos mais diversos públicos.

Da mesma forma, as obras que publica parecem incorporar esta mesma capacidade. Disso é exemplo a sua opinião incluída na revista *A Construção Moderna* sobre o livro *A Missão de Portugal e o Monumento de Thomar*: *Ainda toda a obra deixa em nós o desejo de a estudarmos tendo em conta a technica coeva e, sob esse ponto de vista é uma mina que pode desentranhar-se em trabalhos cheios de interesse acerca do Convento de Christo de Tomar*. (Mattos, 1905: 117)

A 2 de maio de 1905⁶⁴, José Vieira Guimarães informa Augusto Fuschini sobre a estrada de ligação entre Tomar e o Convento de Cristo que se encontra em estudo, destacando a passagem pela igreja de Nossa Senhora da Conceição, *monumento precioso pela sua architectura e fabrico*, no sentido de *respeitosamente relembrar* que a mesma contorne o

⁶⁴ De acordo com o *Livro de Actas das Sessões da Câmara de 1903 a 1905*, através do Vice-Presidente Luís Delgado da Silva, na sessão de 6 de abril, *foi proposto e aprovado, que em lugar do estudo da projectada Avenida para o Convento de Cristo, se representasse ao Governo de Sua Magestade solicitando o mesmo estudo e construção da mesma Avenida*.

Convento de Cristo: *dando a estrada esta pequena volta grande embelezamento (...) e realça dá à já de si elegante igreja.* (Torre do Tombo, 2020)

De acordo com a autora Ana Margarida Ribeiro, é publicada no jornal *A Verdade* de 25 março de 1906 a notícia *Estrada para o Convento de Cristo*. Nela se realça que o Vieira Guimarães consegue junto do Ministério das Obras Públicas a *dotação de 1.000\$00* para a construção da supracitada estrada. Sendo da sua a responsabilidade os melhoramentos nela realizados, o seu nome ser-lhe-ia atribuído: Avenida Dr. Vieira Guimarães. (Ribeiro, 2012)

O envolvimento do médico nabantino na valorização do Convento de Cristo é contínuo durante do século XX até ao seu falecimento em 1939. O início do restauro do Claustro D. João III em 1901, por iniciativa de Augusto Fuschini, que atribui o projeto ao arquiteto Pedro d'Ávila auxiliado por Vieira Guimarães e Manuel Henrique Pinto, abre caminho a um conjunto de ações em que estará envolvido. Segundo Jorge Custódio (2011b), o projeto é bastante preciso, podendo integrar-se *no modelo de “restauro arquitectónico” definido por Camillo Boito.* (Custódio, 2011b: 673) No entanto, o falecimento de Pedro d'Ávila em 1904 e de Manuel Henrique Pinto em 1912, conduzem a atrasos significativos e a uma interrupção das obras desde a morte do pintor Henrique Pinto.

O restauro do claustro principal do monumento envolveria problemas arqueológicos dado estarem presentes duas construções quinhentistas da autoria de dois arquitetos distintos, João de Castilho e Diogo de Torralva. (Custódio, 2011b) Os estudos de José Vieira Guimarães e do historiador Garcês Teixeira⁶⁵, que trabalham em conjunto, permitem um maior entendimento do monumento, pelo que podemos vislumbrar um conjunto de obras da autoria do médico nabantino em torno deste assunto: *O sexcentenário da Ordem de Cristo*⁶⁶ (1919), *Thomar: noticia histórico-archeologica e artística do Monumento de Christo e das Igrejas de Santa Maria dos Olivais, de Santa Iria e de S. João* (1929), *O Claustro de D. João III em Thomar* (1931) e *O poema de pedra de João de Castilho em*

⁶⁵ Francisco Augusto Garcez Teixeira (1869-1946), Coronel de Engenharia, autor de diversas obras e estudioso da história de Tomar.

⁶⁶ Esta obra é apresentada em conferência realizada no Salão Nobre da Câmara Municipal de Lisboa, a convite da *Academia de Ciências de Portugal* (1907-1925). Nela o dr. Vieira Guimarães defende a instalação de um colégio, no monumento, destinado a formar missionários, a quem denomina de nova milícia. Em 1922, é criado o Colégio das Missões Ultramarinas, tendo ocupado parte do Convento de Cristo em Tomar.

Thomar (1934), que comprovam a constância do seu trabalho. (Guimarães, 1920; Guimarães, 1929; Guimarães, 1931; Guimarães, 1934)

De salientar que, a 15 de março de 1918, Vieira Guimarães, na companhia, entre outros, de Garcês Teixeira, fundam a UAMOC- União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo. De acordo com Álvaro Barbosa (2009) esta é uma associação de defesa do Convento de Cristo e Castelo de Tomar que durante cinco décadas,

vela e cuida da conservação do monumento, aí mantendo um museu monográfico, arqueológico e lapidar os seus membros organizam pela primeira vez a pesquisa documental sobre a Ordem de Cristo e o seu Termo de Thomar, publicando a documentação da sua vida Associativa, Cultural e Científica, através de boletins periódicos: os Anais da UAMOC. (Barbosa, 2009: 184)

Em 1922, surge um mecenas, elemento da UAMOC, que investe nas intenções de salvaguarda patrimonial. E entre 1922 e 1930, decorre o estudo científico e o restauro arranca entre 1928 e 1930. (Custódio, 2011b: 674) Enquanto Garcez Teixeira procede a sondagens arqueológicas, Vieira Guimarães encarrega-se da investigação de arquivo e da redação do estudo final. Para Jorge Custódio, os resultados obtidos com *a reconstituição em planta e com a reconstituição gráfica de um alçado do primitivo claustro de D. João III*, seguindo o desenho de João de Castilho é *um excelente exemplo da investigação arqueológica, arquitectónica e documental, interdisciplinar e colectiva*. (Custódio, 2011b: 675)

Através da obra *Thomar* de 1929, é possível traçar a perspectiva de Vieira Guimarães sobre o claustro principal, com um cuidado especial na distinção dos trabalhos elaborados pelos dois arquitetos quinhentistas e respetiva nomeação:

D´esses seis artísticos claustros, cuja descrição muito alongaria estas paginas, um não existe hoje tal qual Cartilho o construiu, pois, por ordem de D. João III, em virtude de estar arruinado, foi mandado reconstruir a Diogo de Torralva, (...) temos vindo, já de há muitos annos, a intitular de D. João III, em lugar de dos Philippes, que erradamente e antipatriotamente se lhe tem dado, (...). (Guimarães, 1929: 43-44)

A investigação que realizámos até ao momento parece demonstrar uma referência permanente ao claustro principal como *Claustro dos Filipes*, como ocorre no álbum de fotografias *Recordação de Thomar*, de fins do século XIX, da autoria de Emilio Biel (1838-1915), e num segundo álbum fotográfico, impressão Silva Magalhães & Silva, curiosamente com o mesmo título, *Recordação de Thomar*, de 1928, onde consta como *Claustro dos Filipes*.

É em nossa perspetiva, através dos trabalhos de José Vieira Guimarães, principalmente da obra que publica em 1931, *O Claustro de D. João III em Thomar*, que a nova terminologia ganha consistência. (Guimarães, 1931) Num olhar sobre a capa desta obra, encontramos uma fotografia do claustro principal (Figura 3), sobre a qual temos noutra folha a sua descrição: *Claustro de D. João III fustigado pelo tempo e pela incúria dos homens*. Não identificámos na obra o autor e data da fotografia, no entanto, através de duas crianças que parecem surgir furtivas numa varanda, comprova-se ser a mesma fotografia presente no álbum de Emilio Biel, sustentado, assim, a afirmação de Vieira Guimarães, segundo a qual teria adotado para a capa uma imagem anterior às intervenções de restauro iniciadas por Pedro d'Ávila.

5. DA MÍTICA NABÂNCIA À DESCOBERTA DE SEILIAM E A METAMORFOSE DA PALAVRA

O descobrimento da cidade romana Nabancia em Portugal (1881) é o texto de Possidónio da Silva sobre o qual já nos debruçámos. No entanto, durante o entendimento do trabalho de Roure Pietra e de Vieira Guimarães retomámo-lo para compreender melhor a sua matéria central.

Tal como demonstrámos no *III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (2020), José Leite de Vasconcelos⁶⁷ contesta a posição de Possidónio da Silva, numa primeira fase em 1895, acerca do nome *Nabancia* e dos achados envolvidos: *faço em quanto algumas reservas* (Vasconcelos, 1895: 14). Depois, em 1914, aprofunda essas mesmas reservas em *Antiguidades de Tomar*, cuja leitura nos revela que Vieira

⁶⁷ José Leite de Vasconcelos Pereira (1858-1941), linguista, filólogo, arqueólogo e etnógrafo português. Fundador e primeiro diretor do atual Museu Nacional de Arqueologia. (Museu Nacional de Arqueologia, 2020)

Guimarães o acompanha na visita às *ruínas (...) no sítio dos Cardais, e chamam-se Nabância, depois que Possidónio as crismou assim:*

Se queremos denominar Nabância um local em que existam vestígios do passado, esse só poderia ser a margem esquerda do rio, à entrada de Tomar para quem vai de Coimbra (...) tem aparecido (...) segundo me informa o Sr. Dr. Vieira Guimarães, alicerces de casas, tijolos queimados (lares), cimalhas, fragmentos de estátuas, etc. (...) acusei o benemérito Possidónio, conquanto já em 1618 Isidoro de Barreira, na História de Santa Iria, logo no frontispício do livro, identifique Nabância com Tomar. (Vasconcelos, 1914a: 149)

Da mesma forma como a publicação de Possidónio da Silva é uma abertura, de *Caixa de Pandora*, para o tema Nabância, consideramos que as afirmações de Leite de Vasconcelos funcionam do mesmo modo, neste caso responsabilizando Possidónio por situar a mítica Nabância no sítio de *Cardais*⁶⁸, e não na *margem esquerda do rio, à entrada de Tomar*. José Leite de Vasconcelos mantém esta posição ao longo da vida, embora, relendo o texto de 1891, possa ter tido lugar um equívoco interpretativo da sua parte.⁶⁹

Possidónio da Silva identifica os achados que efetua em *Marmelais* como parte da cidade romana de *Nabancia*⁷⁰, recordando que diferentes autores mencionam esta povoação *por detraz da igreja de N.S. Oliveira, que corresponde ao logar em que se principiaram as investigações*. De seguida, referindo-se à sua descoberta em Marmelais, escreve: *Tratava-se portanto de uma importantíssima descoberta feita em Portugal no ultimo quartel do XIX seculo*. Mais lembra a sua primeira visita a Tomar em 1857, recordando o seu *finado amigo o archeologo Roure Pietra* e menciona a existência de *peças de cantaria com molduras (...) Tudo nos indicava, que o descobrimento do grande mosaico pertencia à opulenta cidade de Nabancia*. (Silva, 1881: 152)

⁶⁸ Em Marmelais de Baixo, local a que Possidónio da Silva denomina *Marmelaio* e situa a 2 km de Tomar.

⁶⁹ Admitimos a hipótese de José Leite de Vasconcelos, que revela em 1895 acompanhar o jornal tomarense *A Verdade*, ter sido influenciado pela opinião do redator Afonso Martins Velho, neste contexto de Joaquim Possidónio da Silva localizar Nabância em Cardais. (Guimarães, 1927: 60)

⁷⁰ De acordo com Vieira Guimarães (1927), o sr. *Júlio Carlos Manuel Mardel de Arriaga, secretario da Comissão dos Monumentos Nacionaes* está igualmente envolvido nos achados arqueológicos em Cardais. (Guimarães, 1927: 60)

Com base na informação apresentada por Possidónio da Silva, é possível que se pretenda situar Nabância entre o local dos achados em torno da Igreja de Santa Maria dos Olivais e o sítio de Cardais⁷¹ situado *a um kilometro da margem esquerda do rio Nabão*. (Silva, 1881: 152)

Neste contexto Possidónio da Silva terá sido de alguma forma influenciado por gente local, ao relacionar a lendária Nabância com a presença romana. Erradamente, porém, pois a lenda de Santa Iria pertence ao período visigodo, ano da martirização de 653 d.C. A obra de Freire Isidoro da Barreira de 1618, *História da Vida e Martyrio da Gloriosa Virgem Santa Eria, Freira da Ordem Patriarcha Sam Bento, natural de Nabancia, que hoje he a notavel Villa de Thomar em o Reyno de Portugal*, isenta de qualquer menção à presença romana.

Em todo o caso, Leite de Vasconcelos considera ser Possidónio da Silva quem *chamou Nabância, nome que muito quadrou nos Tomarenses* (Vasconcelos, 1914a: 150), embora equacionemos terem sido os *Tomarenses* a influenciá-lo neste sentido, como nos indica Roure Pietra:

Foi portanto, de tal denominação que parece ter derivado a de uma povoação que existia do outro lado do rio opposto á actual cidade, a que muitos escriptores como Carvalho e outros, têm pretendido honrar com o título de cidade; porém nós contestamos formalmente tal opinião, não só porque não ha um só historiador contemporaneo que della falle, mas tambem porque as ruinas occupam um espaço muito circumscripto, não sendo, além disso, provavel que existisse uma cidade a legua e meia de distancia d´outra, qual era a cidade de Concórdia de que fallam Ptolomeu e Plinio, e que estava no sitio onde está hoje o logar da Beselga, mudança de nome já citada por Dextro, quando diz: Concordia in Lusitania quae nunc Bezulei dieitur, Sancti Christi martyres, Donatus, et socii ejus multa etiam passi. A sobredita povoação aqui a tradição chama Nabancia, parece ter sido de origem romana, porque entre os vestígios de edifícios, e de mistura com fragmentos de boa cantaria, tem aparecido algumas inscrições romanas, e moedas de todos os imperadores. (Pietra, 1863:1)

⁷¹ A distância entre o monumento e o lugar é de aproximadamente de 1,5 km.

Pedro de Roure Pietra em 1863 será, possivelmente de forma isolada e precoce, o primeiro arqueólogo a questionar a existência de uma antiga cidade romana de nome Nabância localizada em Tomar, considerando que *as ruínas ocupam um espaço muito circumscripto*, que os escritores contemporâneos não lhe fazem referência e que a proximidade de Concórdia *a legua e meia de distancia* inviabilizam a sua existência naquele território.

Em 1914, José Leite de Vasconcelos publica um artigo sobre a *inscrição romana de Lorvão* onde aborda o conteúdo de uma lápide sepulcral romana pertencente a um *seilliense*. A informação que segue contribui para que Vieira Guimarães defenda mais tarde a localização de Seilium em terras de Tomar: (Vasconcelos, 1914b)

O epíteto pátrio Seilliensis traz-nos à mente o adjetivo geográfico Seillensis de uma inscrição galega do Corpus, II, 2562, e o nome Sellium, que nesta forma figura no Itinerário de Antonio como signativo de uma povoação situada entre Scallabis e Conimbriga, (...) **não só a concordância não é tal**, que em dois manuscritos do Itinerário não haja as variantes Cellium e Cellum, e Ptolemeu não tenha um só I, ao passo que o Itinerário tem dois, mas este é tardio, supõe-se ser dos últimos tempos do séc. II, e baseia-se talvez na mesma fonte que o texto de Ptolemeu. Nada mais fácil do que **num manuscrito com SEILIVM o primeiro I ser tomado por L**, (...) (Vasconcelos, 1914b: 366)

Esta informação em muito contribui para o trabalho desenvolvido por Vieira Guimarães. No entanto, a *inscrição galega do Corpus, II, 2562* surge como um *paradoxo*⁷² para o médico e arqueólogo nabantino. Este será o motivo central que o leva a utilizar o termo *Sellium* em vez de *Seilium*, justificando que autores venham a apresentar a denominação *Sellium* e a reproduzam até finais do século XX.

Apesar de, em 1914, José Leite de Vasconcelos revelar a hipótese de *o primeiro i ser tomando por um l*, sendo a forma correta *Seilium*, ainda antes da localização respetiva

⁷² *Paradoxo*, assim designa Vieira Guimarães esta situação na obra *Thomar Sta. Iria* (1927). Sobre este assunto, vide, a título de complemento, página 107 do artigo *Vieira Guimarães (1864-1939) e a Arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes* (Peixoto & Martins, 2020)

em Tomar, José Vieira da Silva Guimarães parece não querer arriscar, possivelmente influenciado pelo seu paradoxo, a *inscrição galega do Corpus, II, 2562*.

A 27 de junho de 1923, José Vieira Guimarães participa no segundo congresso misto organizado pela Associação Portuguesa para o Progresso da Ciência e pela Associação Espanhola para o Progresso das Ciências, que decorre em Salamanca. Intervém com a comunicação *A “Sellium” dos romanos é hoje representada por Thomar e a via militar de “Scalabis” a “Aeminium” passava ali*. A sua teoria surge, por conseguinte, pela primeira vez, afastada da opinião pública nabantina, quatro anos antes de *Thomar Sta. Iria* (1927). (Guimarães, 1924)

Nesta intervenção, o tema Nabância é catalogado como lenda e a localização de *Sellium* em Tomar é apresentada de modo inédito:

Havendo passado esta até nós, com a denominação de Nabancia, ao presente, vai-se refugiando esse nome nos domínios da lenda, ficando só, de verdade, a povoação que existiu e que, de certo, teve relativa importancia. Este é lhe dáda por Ptolomeu que sob o nome de Sellium a nomeia em sua Geografia, e o Itenerarios Antonio que lhe assigna-la a situação. (Guimarães, 1924: 63)

Apesar de *Thomar Sta. Iria* (1927) de Vieira Guimarães incluir informação concreta sobre a localização de *Seilium* em Tomar, durante décadas a sua descoberta foi contestada e ignorada. É o que acontece com o historiador local Amorim Rosa (1900-1976) no volume I da sua *História de Tomar* (1965) onde enaltece a visão de uma Nabância romana em Tomar, refutando a posição de Vieira Guimarães: *E isto escreveu Vieira Guimarães, que sempre quis negar, por razões que não vêm para o caso, a existência, evidente, de Nabância*.⁷³ (Rosa, 1965: 20)

Na obra *Thomar Sta. Iria* (1927), o autor lança as seguintes questões: *Onde ficava Sellium? Qual a povoação de ora que a continua? Se a trajectória da via entre Scalabis e Aeminium fosse desmarcada por um ou outro miliário (...)* (Guimarães, 1927: 3)

⁷³ É de destacar que o avô de Amorim Rosa, de nome João Maria de Sousa, médico formado em Coimbra e nascido em Porto da Lage, aldeia de Tomar, publica igualmente uma obra em 1903 dedicada à história local nabantina, onde aborda o tema Nabância e a descoberta da dita moeda NABAENTVM, que já tinha sido contestada por José Leite de Vasconcelos em 1895. (Peixoto, 2020b: 22)

O primeiro assunto que desenvolveu é dedicado aos dois cipos romanos descobertos por Pedro de Roure Pietra. Vieira Guimarães classifica-os como *marcos miliários*, associando-os à presença de uma via romana. (Guimarães, 1927: 4) O arqueólogo reconhece a importância da descoberta destes dois elementos naquele que será o contributo principal de Roure Pietra para a localização de Sellium em Tomar. José Vieira Guimarães verbaliza o momento na sua obra, *passemos, d'ora avante, da hipótese à realidade, chamando-lhe Sellium*. (Guimarães, 1927: 31)⁷⁴

O termo *Sellium* é utilizado até ao questionar da sua grafia, com a publicação do artigo *J.L. Vasconcelos e os percursos por Tomar antiga* por Salette da Ponte em 1994, que em nossa opinião firma uma reflexão sobre a metamorfose da palavra. Neste artigo considera o surgimento de novas abordagens por novos autores, onde estão incluídos *estudos recentes sobre o topónimo com a grafia Sellium = Sellium*, evidenciado Roldán-Hervás (1975) e Luís Fernandes (1997)⁷⁵. (Ponte, 1994) Desde finais do século XX, que o termo *Sellium* passou a ser utilizado de forma recorrente na literatura científica.⁷⁶

6. CONCLUSÃO

De um modo geral, podemos afirmar que os trabalhos de investigação desenvolvidos por Pedro de Roure Pietra e José Vieira Guimarães são de relevância para os estudos de história local, em geral, e de arqueologia, em particular, tendo ambos importantes desempenhos no domínio da salvaguarda patrimonial.

Apesar de pertencerem a diferentes momentos da história da arqueologia, os seus estudos são complementares. Enquanto Pedro de Roure Pietra, como arqueólogo correspondente, participa com Possidónio da Silva e acompanha-o nos achados romanos em Tomar culminados na presumida *descoberta de Nabância*, José Vieira Guimarães segue José Leite de Vasconcelos, também ele de formação médica, revestidos de hipotético maior *rigor científico* que aplicam ao estudo das descobertas

⁷⁴ Após a publicação de *Thomar Sta. Iria* (1927), durante o século XX foram realizados vários estudos e achados arqueológicos em Tomar que comprovam a existência da povoação romana. Desde os anos 40 do século XX que se intensificaram as intervenções na região, recorrendo a novos métodos de trabalho científico, delas se destacando as escavações nos anos 80, com a revelação da presença de diversas construções romanas. (Batata, 1997)

⁷⁵ O estudo de Luís da Silva Fernandes «Inscrições romanas de Tomar e seu termo», haveria de ser publicado no *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar* (n.º 21) em outubro de 1997.

⁷⁶ Durante o século XXI, são desenvolvidos novos estudos e descobertas, tais como o referente às *marcas de oficina em tijolos romanos de Sellium* (Fernandes e Ferreira, 2002) e a escavação de 2008/2009 onde surgem achados da época romana (Portal do Arqueólogo, 2020a).

arqueológicas traduzidas, por exemplo, na localização de *Sellium* em Tomar⁷⁷. Os supramencionados dois cipos romanos e o tema das vias romanas surgem como elos de ligação entre ambos.

Não obstante, outras matérias que entrelaçam os dois autores objeto desta nossa primeira e breve abordagem. É o caso da salvaguarda patrimonial, mais concretamente, o Convento de Cristo. Tanto Roure Pietra como Vieira Guimarães, se dedicam ao monumento. Mas enquanto o primeiro sugere a importância de uma entidade que o habite, o torne útil à sociedade e o restaure, o médico nabantino participa ativamente⁷⁸ no seu estudo e restauro na qualidade de vogal do Conselho de Monumentos Nacionais. Desta forma, ambos assistem a décadas de descobertas arqueológicas em Tomar, questionando a existência de Nabância, erguendo novas perspectivas e participando em sociedades e entidades dedicadas à promoção da produção de conhecimento científico e patrimonial. E enquanto Pedro de Roure Pietra é o primeiro autor a colocar em causa a existência de uma cidade romana, remetendo Nabância para a tradição popular tomarense. José Vieira Guimarães, por seu turno, admite a presença de uma cidade romana, adiciona Nabância aos domínios da lenda, questiona, formula uma hipótese, apresenta a sua visão ao congresso de Salamanca em 1923 e demonstra o seu estudo para provar *Sellium* na obra *Thomar Sta. Iria* (1927). (Guimarães, 1924)

Os dados recolhidos até ao momento permitem-nos interrogar em que medida a opinião de Pedro de Roure Pietra acerca da improbabilidade de uma cidade romana em Tomar terá motivado Possidónio da Silva a indagar por novas provas que a contrariassem.

Apesar dos vários contratempos de origens diversas, mas às quais não terá estranhado uma sociedade tomarense profundamente conservadora, nenhum dos dois esmoreceu, continuando, pelo contrário, a participar ativamente na salvaguarda do património cultural de Tomar, como podemos observar facilmente através da leitura da tabela comparativa que se segue, da nossa autoria:

⁷⁷ É José Vieira Guimarães, de acordo com Leite de Vasconcelos, que o informa sobre a existência da inscrição: *GENIO MVNICIPI* em Tomar. (Vasconcelos, 1914: 149)

⁷⁸ O dr. Vieira Guimarães sugere igualmente a ocupação do espaço, especificamente para a criação de uma *nova milícia*.

Contexto	Roure Pietra	Vieira Guimarães
Trabalhos arqueológicos	Cerrado de João do Couto (1856).	Igreja de Santa Maria dos Olivais (1895).
Achados arqueológicos	Cipos romanos (1856)	Epitáfio de D. Gualdim Pais (1895)
Salvaguarda do Património Cultural	Restauro da Ermida de Nossa Senhora da Conceição (1848). Salvaguarda de achados.	Participação no estudo e restauro do Convento de Cristo (Século XX). Salvaguarda de achados.
Caminhos de Ferro	Como presidente de Câmara requiere, em 22 de junho de 1857, a El-Rei para que a “diretriz férrea da linha do Norte” passasse por Tomar.	No século XX, como membro da Sociedade de Propaganda de Portugal, idealiza uma ligação entre Tomar e a Nazaré.
Indústria e agricultura	Por herança familiar é gestor de fábricas, considera a indústria e a agricultura fundamentais para o desenvolvimento da região e do país.	A exposição industrial e agrícola que idealiza em 1895, é acompanhada de catálogo da sua autoria, onde demonstra a sua visão sobre o valor da indústria para o progresso da região, integrando-a na história de Tomar.
Imprensa	Publica em revistas e jornais da sua época.	Publica em revistas e jornais da sua época.

Selecionámos uma fotografia presente num dos trabalhos de Vieira Guimarães, onde os dois arqueólogos se cruzam metaforicamente através da presença de dois edifícios que lhes estão relacionados: a Casa Vieira Guimarães⁷⁹ e a Ermida de Nossa Senhora da Conceição⁸⁰. (Guimarães, 1929b) (Figura 4)

Os casos de Roure Pietra e de Vieira Guimarães, dois pioneiros verdadeiramente inspiradores para os seus sucessores na esfera da salvaguarda do património, permitem percorrer décadas de acontecimentos registados em Tomar e comprovar a importância dos seus contributos para a afirmação e desenvolvimento da prática

⁷⁹ Casa Vieira Guimarães, edifício emblemático mandado erguer pelo médico tomarense, estilo neomanuelino, com importância de destaque no horizonte nabantino, contendo as suas varandas duas datas sobre os anos da edificação, 1920 e 1922.

⁸⁰ Roure Pietra colabora no seu restauro em 1848.

arqueológica, numa lógica relacional entre passado, presente e futuro de um determinado território e suas comunidades.

7. BIBLIOGRAFIA

- ARCHIVO DE ARCHITECTURA CIVIL (1865) - *Jornal do Architectos Portuguezes e Archiologos*. 1. 1ª Série. Lisboa: [Consult. 20 de março de 2022] Disponível em: http://museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia_historia/serie_1/S1_N1.pdf
- ARCHIVO DE ARCHITECTURA CIVIL (1866) - *Jornal do Architectos Portuguezes e Archiologos*. 7. 1ª Série. Lisboa. [Consult. 20 de março de 2022] Disponível em: http://museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia_historia/serie_1/S1_N7.pdf
- BARBOSA, Álvaro (2009) - *Habitar o património: o caso do Convento de Cristo*. 18. Viseu: Máthesis, p. 177-193.
- BATATA, Carlos (1997) – *As origens de Tomar: a carta arqueológica do concelho*. Tomar: Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar.
- CARREIRA, Maria João (2016) - [Consult. 20 de março de 2022] Disponível em: <https://slideplayer.com/slide/12433385/>
- CARVALHO, João da Cunha Neves e (1842) - *Memoria sobre o convento da Ordem de Christo em Thomar*. Lisboa: Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.
- CARVALHO, João da Cunha Neves e (1843) - Igreja de Santa Maria do Olival: matriz de todas as outras egrejas da Ordem de Cristo parte II. *O Panorama: jornal litterário e instructivo*. Lisboa: Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis. Volume II. 2º da 2ª Série, 99, 365.
- CUSTÓDIO, Jorge; SANTOS, Luísa (1990) - *A real fábrica de fiação de Tomar e a 1ª geração europeia e americana de fábricas hidráulicas*. Coimbra: Coimbra Editora Limitada.
- CUSTÓDIO, Jorge (2011) – “*Renascença*” *artística e práticas de conservação e restauro arquitetónico em Portugal, durante a I República: fundamentos e antecedentes*. Volume 1. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- CUSTÓDIO, Jorge (2011) – “*Renascença*” *artística e práticas de conservação e restauro arquitetónico em Portugal, durante a I República: património da nação*. Volume 2. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- FERNANDES, Luís da Silva; FERREIRA, Rui (2002) – Marcas de oficina em tijolos romanos de Seilium. *Conimbriga*. Coimbra. 41, 257-267.
- GUIMARÃES, José Vieira da Silva (1905) – *A Missão de Portugal e o Monumento de Thomar*. Lisboa: Typ.da Empreza da Historia de Portugal.

- GUIMARÃES, José Vieira (1919) – *O sexcentenário da Ordem de Christo*. Lisboa: Papa Figueirinhas.
- GUIMARÃES, José Vieira (1924) – A “Sellium” dos romanos é hoje representada por thomar e a via militar de “Scalabis” a “Aeminium” passava ali. *Boletín de la “Asociación Española para el Progreso de las Ciencias”*. VIII. Madrid. Congresso de Salamanca, sessão de 27 de junho de 1923. p. 61-71.
- GUIMARÃES, José Vieira da Silva (1927) – *Thomar Sta. Iria*. Lisboa: Livraria Coelho.
- GUIMARÃES, José Vieira (1929) - *Thomar: noticia histórico-archeologica e artística do Monumento de Christo e das Egrejas de Santa Maria dos Olivais, de Santa Iria e de S. João*. Lisboa: Monumentos de Portugal.
- GUIMARÃES, José Vieira (1929b) – *A Estremadura*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- GUIMARÃES, José Vieira (1931) – *O claustro de D. João III em Thomar*. Gaia: Pátria.
- GUIMARÃES, José Vieira (1934) – *O poema de pedra de João de Castilho em Thomar*. Lisboa: Oficinas Fernandes.
- GUIMARÃES, Manuel da Silva (1982) - Da Academia Filarmónica Thomarense à Assembléa Philharmonica Thomarense. *Boletim Cultural e informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar: Gabinete de educação e cultura.
- MATTOS, José Maria de Mello (1905) – *Excursão a Thomar*. 171. Lisboa: A Construcção Moderna, p.115-117.
- MARTINS, Ana Cristina (2003) - *Possidónio da Silva (1806-1896) e o Elogio da Memória. Um Percurso na Arqueologia de Oitocentos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- MARTINS, Ana Cristina (2012-2013) – Entre a metamorfose e a adaptação de associação dos arquitectos civis portugueses a real associação dos arquitectos civis e arqueólogos portugueses (1863-1896). *Arqueologia e História*. 64-65. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 15-29.
- MARTINS, Ana Cristina (2015) – *A Associação dos Arqueólogos Portugueses na senda da salvaguarda patrimonial. 100 anos de transformação (1863-1963)*. 2 vols. [Texto policopiado]. Tese de Doutoramento em História (História da Arte) apresentada à Universidade de Lisboa.
- MARTINS, Ana Cristina (2016) – Francisco Tavares Proença Júnior (1883-1916) e arqueologia em Castelo Branco na viragem para o século XX: textos, contextos e (des)venturas. *II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco*. Castelo Branco, p. 25-60.
- MARTINS, Ana Cristina (2017) – A Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses e o Museu Arqueológico do Carmo: alguns percursos internacionais (abordagem preliminar). *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*. Lisboa, p. 99-131.

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL (1938) - *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Volume IV. 50. [Consult. 20 de março de 2022] Disponível em: [AH_serie7_Vol_IV.pdf \(museuarqueologicodocarmo.pt\)](#)
- MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (2020) - *O Fundador*. [Consult. 21 de março de 2022] Disponível em: <http://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=301>
- PEIXOTO, João Amendoeira (2017, 17 de novembro) - O Lavrador que foi Presidente da Câmara de Tomar. *Jornal Cidade de Tomar*, 4302, p.30.
- PEIXOTO, João Amendoeira; MARTINS, Ana Cristina (2020) - Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes. *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM. 1. 101-114.
- PEIXOTO, João Amendoeira (2020a) - Thomar Pietra: segredo de pedra. Tomar: Gualdim Edições.
- PEIXOTO, João Amendoeira (2020b) - *Medicina e património em Tomar: recordando o Dr. Vieira Guimarães*. Tomar: Gualdim Edições.
- PEIXOTO, João Amendoeira (2019) - *Vieira Guimarães e o património cultural de Tomar: primeira abordagem*. Tomar: Gualdim Edições.
- PIETRA, Pedro de Roure (1843) - *Revista Universal Lisbonense*. Tomo II, p.529-533.
- PIETRA, Pedro de Roure (1843b) - *Revista Universal Lisbonense*. Tomo II, p.306-307.
- PIETRA, Pedro de Roure (1863) - Thomar. *Gazeta de Portugal*. Lisboa: N.º88, 1.
- PIETRA, Pedro de Roure (1863b) - Thomar. *Gazeta de Portugal*. Lisboa: N.º150, 1.
- PIETRA, Pedro de Roure (1863c) - Thomar. *Gazeta de Portugal*. Lisboa: N.º159, 1.
- PATRIMÓNIO CULTURAL. Cerrado de João do Couto (2019). [Consult. 20 de março de 2022] Disponível em: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=54066>
- PATRIMÓNIO CULTURAL. Ruínas ditas de Nabância (2022). [Consult. 21 de março de 2022] Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70607>
- PONTE, Salete da (1994) – J.L. Vasconcelos e os percursos por Tomar antiga. *O Arqueólogo Português*. IV. 11-12. Lisboa: 135-141.
- PORTAL DO ARQUEÓLOGO (2020a) – *Escavação 2008/2009*. [Consult. 22 de novembro de 2019] Disponível em: <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=3170224>
- RIBEIRO, Ana Margarida (2012) - *Vieira Guimarães: Contributo para uma Biografia*. Tomar: Heart Books.
- ROSA, Amorim (1941) - *Anais do Município de Tomar 1840-1869*. Tomar: Gabinetes de Estudos Tomarenses.

- ROSA, Amorim (1965) - *História de Tomar*. I. Tomar: Fábricas Mendes Godinho, SA.
- ROSA, Amorim (1967) - *Anais do Município de Tomar 1801-1839*. Tomar: Gabinetes de Estudos Tomarenses.
- ROSA, Amorim (1967b) - *Anais do Município de Tomar 1870-1901*. Tomar: Gabinetes de Estudos Tomarenses.
- ROSA, Amorim (1982) - *História de Tomar*. II. Tomar: Fábricas Mendes Godinho, SA.
- RUAS, João (2014) - *Notícias sobre a história do papel em Portugal*. Cultura. [Consult. 20 de março de 2022] Disponível em <https://journals.openedition.org/cultura/2344>
- TOMBO (2022) - [Consult. 20 de março de 2022] Disponível em: <http://tombo.pt>
- TORRE DO TOMBO (2022). [Consult. 20 de março de 2022] Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4611788>
- MUSEU DO CARMO (2022) - [Consult. 21 de março de 2022] Disponível em: www.museuarqueologicodocarmo.pt
- SILVA, Joaquim Possidónio da (1881) – Descobrimento da Cidade Romana «Nabancia» em Portugal. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Tomo III. 10: 152-154.
- VASCONCELOS, José Leite (1895) – Antiguidades romanas de Tomar. *O Archeologo Português*. 1. Lisboa, p.13-15.
- VASCONCELOS, José Leite (1914a) – Antiguidades de Tomar. *O Archeologo Português*. 19. Lisboa, p. 146-151.
- VASCONCELOS, José Leite (1914b) – Inscrição romana de Lorvão. *O Archeologo Português*. 19. Lisboa, p. 365-366

FIGURAS

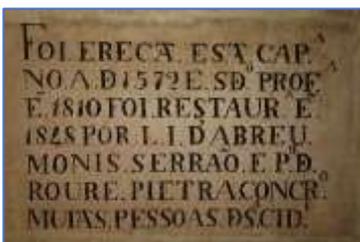


Figura 1: Placa presente na Ermida de Nossa Senhora da Conceição em Tomar, que comprova a participação de Roure Pietra no restauro do templo em 1848.



Figura 2: As três peças presentes no Museu do Carmo em 1866.



Figura 3: A fotografia da capa do livro Claustro de D. João III (1931), que está presente no catálogo de fotografias (Séc. XIX) de Emilio Biel.



Figura 4: Fotografia da Ermida de Nossa Senhora da Conceição (no alto), com a Casa Vieira em destaque.